© 2016 ARQUEOLOGÍA IBEROAMERICANA 30: 5–9. ISSN 1989–4104. http://laiesken.net/arqueologia/.

AVANCE DE INVESTIGACIÓN

O VICUS ROMANO DE CANAS DE SENHORIM, PORTUGAL

The Roman Vicus of Canas de Senhorim, Portugal

Marcelo Marques Miranda

Canas de Senhorim, Portugal

Figura 1. Localização da vila.

RESUMO. *Os sítios arqueológicos de época romana conhecidos na vila de Canas de Senhorim levam alguns autores a propor a existência de um* vicus. *Este trabalho procura sintetizar o conhecimento sobre o património arqueológico desta vila e, através destes e de outros vestígios, nomeadamente as antigas vias romanas e alguns ainda inéditos, encontrar novas evidências que contribuam para o conhecimento deste lugar escassamente investigado.*

ABSTRACT. *The Roman archaeological sites located in the village of Canas de Senhorim have led some authors to suggest the presence of a* vicus *in this area. This paper synthesizes what is known of the archaeological heritage of the village and uses this, in combination with information on ancient Roman roads and unpublished data, to increase understanding of this little-studied locale.*

PALAVRAS-CHAVE: *vicus, vias romanas, sítios arqueológicos, Lusitânia.*

KEYWORDS: *Vicus, Roman roads, Archaeological sites, Lusitania.*

Recibido: 23-3-2016. Aceptado: 30-3-2016. Publicado: 6-4-2016.

Edited & Published by Pascual Izquierdo-Egea. The English text was proofread by Emily Lena Jones.

Figura 2. Sítios arqueológicos da vila.

INTRODUÇÃO

A vila de Canas de Senhorim está situada no concelho de Nelas, distrito de Viseu, Portugal (Fig. 1). Este concelho possui uma área de 124,52 km² e integra-se na região da Beira Alta, numa zona conhecida como Planalto Beirão, que se caracteriza por atingir altitudes compreendidas entre os 200 e os 500 metros e por descair suavemente para sudoeste, no mesmo sentido em que correm os rios Mondego, a sul, e Dão, a norte.

Durante a época romana, a actual vila de Canas de Senhorim integrava-se a nível político-administrativo na *civitas Vissaium* (actual Viseu, Portugal), na província da Lusitânia com capital em *Emerita Augusta* (actual Mérida, Espanha). A *civitas Vissaium* estaria presumivelmente delimitada a norte pela serra de Montemuro, a nordeste pelas serras de Leomil e da Lapa, a ocidente pelas Serras do Caramulo e da Arada, a sudeste pela serra da Estrela, enquanto a sul confinava a sua fronteira com a *civitas* de Bobadela. Quanto a esta última não existe ainda consenso mas, apesar de o rio Mondego ter possivelmente servido como linha divisória, ou sendo esta uma linha artificial, não parecem existir dúvidas em relação à localização deste núcleo populacional na área da *civitas Vissaium*, ainda que numa zona fronteiriça (Lourenço 2007: 23).

Não se conhece até à data qualquer referência escrita sobre esta povoação, o que impossibilita saber seu antigo nome e estatuto. Os vestígios arqueológicos apontam para uma ocupação humana sedentária pelo menos desde o domínio romano sobre esta região, como o provam as aras votivas e uma placa funerária que datarão do século I e II d.C. respetivamente (Vaz 1987: 64-65). No entanto, a sua fundação poderá remontar ao período republicano, como indica uma moeda desta época encontrada no sítio arqueológico do Fojo (Eusébio e Marques 2005: 45). Os férteis recursos agrícolas e minerais aliados aos inúmeros vestígios que têm sido encontrados na vila, assim como a sua dispersão por vários hectares, revelam a importância que este local teria naquela época, levando alguns investigadores a

sugerir a existência de um *vicus* em detrimento de uma ou mais *villae* (Lourenço 2007: 104).

SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

Em Canas de Senhorim estão inventariados 4 sítios arqueológicos com vestígios de época romana (Fig. 2). Na zona norte da vila, está localizado o sítio arqueológico do Freixieiro. Neste local têm sido encontrados vários vestígios de ocupação, nomeadamente estruturas de habitação, epígrafes, materiais de construção como *imbrices*, *tegulae*, tijolos e argamassas, pregos, uma base de coluna, mas também fragmentos de cerâmica comum e *terra sigillata*, moedas, mós, pesos de tear, um objeto decorativo em bronze, escórias de ferro e um recipiente relacionado com o trabalho deste minério (Pinto 1996: 33-37; 2003: 371-72). Descobriu-se também, após efetuada uma sondagem, uma estrutura bastante destruída nos alicerces, constituída por um conjunto de pedras afeiçoadas que serviriam provavelmente como suporte de um poste, parte de um pavimento em barro endurecido, uma estrutura de combustão e parte de uma fossa. Estas pertenceriam a uma estrutura destinada a trabalhos artesanais, provavelmente relacionados com a metalurgia do ferro. Segundo fontes orais, existiu também um poço em pedra de morfologia quadrangular, com um pequeno canal fabricado em tijolos, visível a cerca de 40 centímetros de profundidade, descoberto durante trabalhos de limpeza. Os materiais e estruturas encontrados indicam a existência de uma *villa*.

Na zona mais central da vila está identificado o sítio arqueológico do Fojo. Por estar localizado numa zona mais urbanizada, é também aquele que mais tem sido afectado por novas construções, estando hoje em dia desaparecida grande parte, salvando-se apenas algumas frações localizadas em propiedades privadas a sul da Escola EB 2,3/S Eng. Dionísio Augusto Cunha. Em 1999, após uma limpeza com máquinas, ficaram visíveis à superfície vários materiais. Mais tarde, em 2009, durante a construção de algumas moradias, foram feitas algumas sondagens arqueológicas de diagnóstico que permitiram descobrir um muro de morfologia subcircular e uma coluna. O estado degradado em que se encontrava a estrutura não permitiu a sua interpretação, no entanto, devido ao espólio a ela associado pode assegurar-se que se trata de uma estrutura de época romana. Entre os vários vestígios encontrados na zona do Fojo contam-se materiais de construção, vários silhares com almofadado, fragmentos de cerâmica comum e *dolium*, um prego, uma mó, uma moeda e uma soleira de porta (Pinto 1996: 42-44; Pinto 2003: 377-81; Eusébio e Marques 2005: 45). O facto de terem sido descobertos silhares almofadados reaproveitados em várias estruturas modernas, assim como várias epígrafes, leva a crer que na época romana terá aqui existido um edifício de carácter público (Pinto 2003: 397).

O sítio arqueológico do Casal localiza-se naquela que é conhecida como a parte mais antiga da actual vila, numa encosta suave e próxima a uma linha de água. Neste local foram encontrados vários fragmentos de materiais de construção, silhares e pedras talhadas, um buraco escavado no afloramento rochoso com dois encaixes rectangulares para assentamento de uma estrutura, um bordo de *dolium*, pesos de tear, moedas, mós, um pequeno machado e uma ara votiva (Pinto 1996: 38-41; 2003: 382). Note-se que caminhando pelas estradas é possível visualizar inúmeros vestígios nos terrenos circundantes que todos os anos são sujeitos a trabalhos agrícolas. Infelizmente, por esta última razão, assim como pela abertura de alicerces para novas construções, várias estruturas foram já destruídas, procedimento que tem vindo a ser habitual na vila, apesar dos sítios arqueológicos estarem devidamente classificados.

VIAS ROMANAS

Junto com estes indícios, também uma análise em relação à localização deste núcleo no contexto regional poderá dar evidências da sua importância e estrutura socioeconómica naquela época.

Esta povoação localizava-se a meio caminho entre as *civitates* de Viseu e Bobadela, a cerca de 30 quilómetros de cada uma delas – situação semelhante por exemplo ao *vicus* de Aberturas em Espanha (Lugo Enrich 2012: 279), numa zona de fronteira entre as duas regiões e num ponto central do planalto separado pelos rios Dão e Mondego, também estes distando uma média de 9 quilómetros da povoação.

Tendo em conta a importância deste sítio naquela época é natural que por este passasse uma via, o que leva alguns investigadores a apontar que o itinerário que conectava as *civitates* de Viseu e Bobadela passaria por Canas de Senhorim. Analisando esta via entre os rios Dão e Mondego, temos fortes indícios que a norte esta atravessaria o pri-
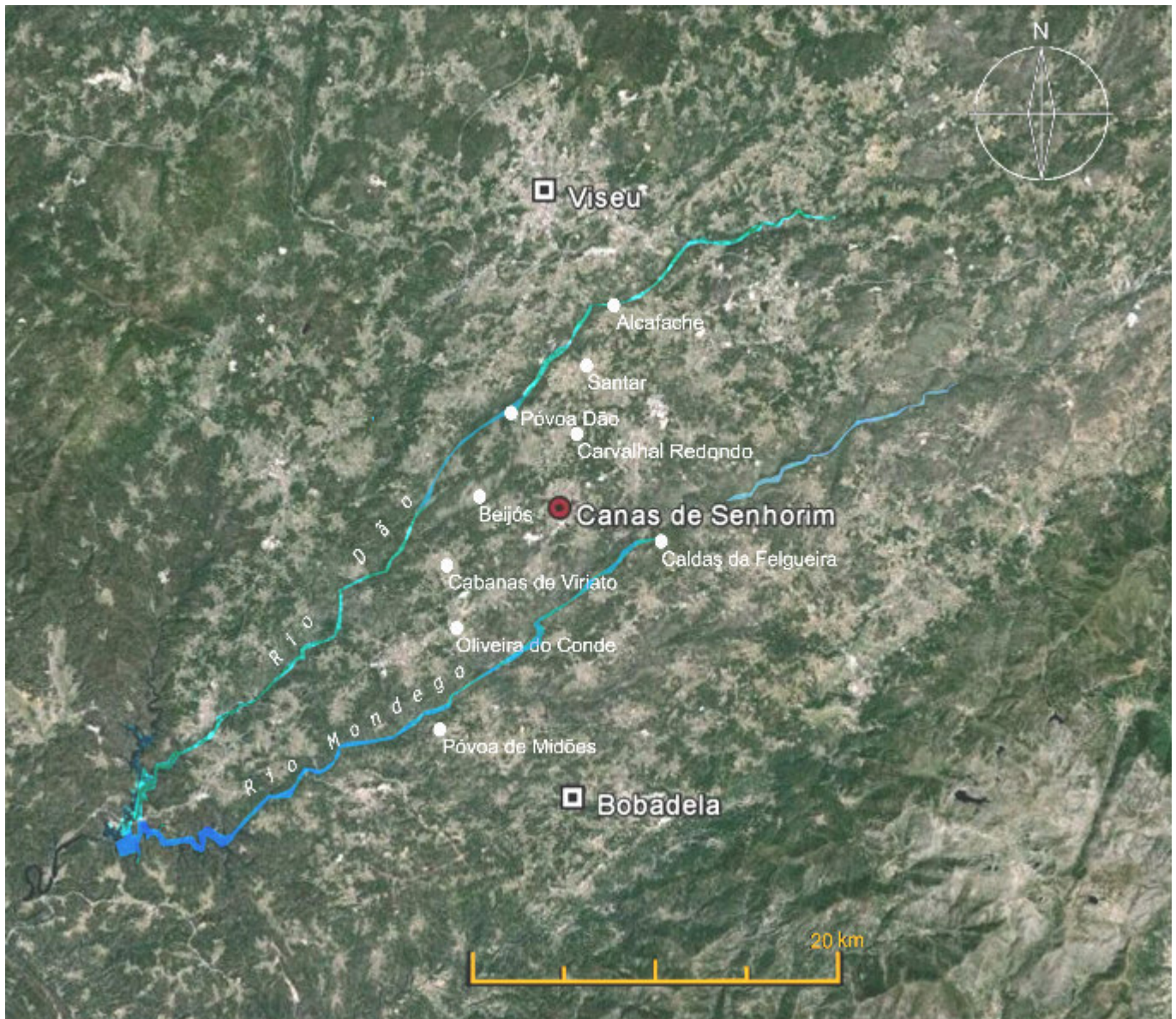
Figura 3. Principais localidades por onde passariam as vias romanas.

meiro rio em Alcafache podendo depois rumar em vários sentidos. Em direção a Bobadela esta passaria por Santar onde há vestígios de uma calçada e ocupação romanas (Quaresma e Pinto 2000: 201-202), seguindo depois por Carvalhal Redondo onde foram encontradas duas aras (Vaz 1987: 63). A partir de Canas de Senhorim seguiria possivelmente até Caldas da Felgueira, junto ao rio Mondego. Aqui, apesar de não se conhecerem vestígios de uma via, o topónimo Quinta dos Carris, na margem esquerda do rio, não deixa de ser sugestivo. Uma placa funerária encontrada na zona dos Carregais (Pinto 1996: 32), actualmente uma zona agrícola e florestal, sugere que ali estaria localizada a necrópole do povoado, separada deste pela ribeira da Pantanha.[1] Por esta razão, a via que se dirigia para a Bobadela, passaria por esta zona onde se encontraria com a via proveniente de Mangualde. Uma outra via atravessaria o rio Dão junto à aldeia de Póvoa Dão, passando depois pelo lugar de Chãs, em Beijós, localidades próximas a Canas de Senhorim, seguindo no entanto até Póvoa de Midões, passando provavelmente por Cabanas de Viriato e Oliveira do Conde, como provam as recém-descobertas ruínas de uma ponte sobre o rio Mondego no concelho de Carregal do Sal. Apesar disso, devido à proximidade entre os vários sítios, ambas poderiam ter como ponto de confluência comum o *vicus* de Canas de Senhorim (Fig. 3).

[1] A bibliografia indica que esta placa foi encontrada no sítio do Freixieiro; no entanto, o proprietário dos terrenos afirma que esta foi encontrada na zona dos Carregais durante trabalhos agrícolas.

INTERPRETAÇÃO

Tendo em conta a definição de *vicus* indicada por Fernández Ochoa *et al.* (2014: 114, 120), devido à sua localização estratégica, aos inúmeros artefactos e estruturas, e à existência de vários habitats nas proximidades, parece evidente que, na época, esta povoação teria de facto esse estatuto, podendo mais precisamente tratar-se de um *vicus metallum* (*Ibid.*: 115), dada a referida presença abundante de minério nesta zona.

Como parte da nova administração romana, as populações indígenas fixadas nos antigos povoados teriam sido deslocalizadas e levadas a ocupar as novas cidades e aldeias, muitas delas formadas *ex nihilo*. Neste caso específico, esta hipótese parece provável tendo em conta a proximidade de alguns vestígios de habitats pré-romanos em várias zonas próximas da vila (Pinto 1996: 24-26). Num sítio localizado nas imediações da actual pedreira,[2] foram descobertas há vários anos algumas cerâmicas possivelmente pré-romanas numa zona agora destruída pela dita pedreira.

Seguramente não terão vindo cidadãos romanos em grande número povoar esta região. Prova disso é a antroponímia presente nas epígrafes encontradas em Canas de Senhorim, como atestam os nomes *Doquirus* e *Celtius*, de origem nitidamente céltica e, portanto, indígena. Também a divindade *Besencla* a quem é dedicada uma ara votiva demonstra que as tradições não só se mantiveram como foram respeitadas, passando no entanto a ser veneradas à maneira romana (Vaz 1987: 64). A sua localização numa zona remota da *Hispania* levaria também à necessidade de concentrar a população indígena como forma de estabelecer um melhor controlo sociopolítico e religioso.

CONCLUSÃO

As evidências materiais, nomeadamente a possível existência de um edifício público, associadas às evidências paisagísticas, apontam para existência de um *vicus*. Devido à acelerada destruição destes sítios e à negligência por parte das autoridades, torna-se urgente efectuar investigações mais profundas para que estas e outras questões possam ser clarificadas. A salvaguarda de algumas estruturas seria também de grande importância para a região devido à sua singularidade.

[2] Agrepor Agregados – Extração de Inertes S. A.

Sobre o autor

Marcelo Marques Miranda nasceu em Canas de Senhorim, Portugal, em 1989. Obteve a licenciatura em Arqueologia e Historia pela Universidade de Coimbra, Portugal, em 2013. Em 2015 concluiu o mestrado em Património Monumental pela Universidade de Ciências Aplicadas de Anhalt, Alemanha. Actualmente encontra-se a fazer um estágio no SEAMEO-SPAFA, Centro Regional de Arqueologia e Belas Artes, em Bangkok, Tailândia. E-mail: marcelo.m.miranda@hotmail.com.

BIBLIOGRAFIA

Eusébio, M., J. Marques. 2005. *Arqueologia e Arte no Concelho de Nelas*. Câmara Municipal de Nelas.

Fernández Ochoa, C. et alii. 2014. Las formas de ocupación rural en Hispania. Entre la terminología y la praxis arqueológica. *CuPAUAM* 40: 111-136.

Lourenço, S. 2007. *O povoamento alto-medieval entre os rios Dão e Alva*. Trabalhos de Arqueologia 50. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

Lugo Enrich, L. et alii. 2012. Los orígenes de Valdepeñas (Ciudad Real): el *vicus* romano y despoblado medieval de Aberturas. Investigación histórica y arqueológica. *Munibe Antropologia-Arkeologia* 63: 255-291.

Pinto, E.

— 1996. Património arqueológico da vila e freguesia de Canas de Senhorim. En *Canas de Senhorim, História e Património*, pp. 10-80. Junta de Freguesia de Canas de Senhorim.

— 2003. Novos contributos para o inventário arqueológico e documental da vila de Canas de Senhorim. *Beira Alta* 62/3-4: 365-433.

Portugal Romano [online]. Descoberta antiga ponte (romana?), Carregal do Sal. Disponível em < http://www.portugalromano.com/site/descoberta-antiga-ponte-romana-carregal-do-sal > (consultado 13/3/2016).

Quaresma, J., P. Pinto. 2000. Ponte e via antiga de Santar (Nelas). Entre tradição historiográfica e tipologias. En *Actas das I Jornadas de Património da Beira Interior*, pp. 199-208. Guarda.

Vaz, J. 1987. Canas de Senhorim e Carvalhal Redondo, Epigrafia e Romanização. *Portugalia* 3: 63-66.